



Editora
Charme

TRAVIS

AUTORA BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*

MIA SHERIDAN



Editora
Charme

TRAVIS

AUTORA BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*

MIA SHERIDAN

Copyright © 2021. TRAVIS by Mia Sheridan

Direitos autorais de tradução© 2022 Editora Charme.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópias, gravação ou outros métodos mecânicos ou eletrônicos, sem a permissão prévia por escrito da editora, exceto no caso de breves citações consubstanciadas em resenhas críticas e outros usos não comerciais permitido pela lei de direitos autorais.

Este livro é um trabalho de ficção.

Todos os nomes, personagens, locais e incidentes são produtos da imaginação da autora.

Qualquer semelhança com pessoas reais, coisas, vivas ou mortas, locais ou eventos é mera coincidência.

1ª Impressão 2023

Design da Capa - Eileen Carey/No Fuss Design

Imagem da capa - NataliAlba/Shutterstock

Adaptação da capa e Produção Gráfica - Verônica Góes

Tradução - Monique D'Orazio

Preparação e Revisão - Equipe Charme

Esta obra foi negociada por Brower Literary & Management, Inc.

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

S554t

Sheridan, Mia

Travis / Mia Sheridan ; tradução Monique D'Orazio. - 1. ed. - Campinas [SP] :
Charme, 2023.

340 p. ; 22 cm.

Tradução de: Travis

ISBN 9786559331345

1. Romance americano. I. D'Orazio, Monique. II. Título.

23-85707

CDD: 813

CDU: 82-31(73)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

***Para todos os leitores ao redor do mundo que
primeiro amaram um garoto silencioso e
ajudaram a lhe dar uma voz.***



TRAVIS — SETE ANOS

— Mamãe? O que foi? — Eu me aproximei lentamente, meu coração batendo forte enquanto observava as costas da minha mãe tremerem. Sua cabeça estava apoiada nos braços sobre a mesa da cozinha à sua frente, os soluços abafados.

Mas, ao ouvir minha voz, ela se endireitou no assento. Suas bochechas estavam molhadas de lágrimas; sua boca, torcida em algo que parecia mais raiva do que tristeza. O rosto da minha mãe fazia isso com frequência. Seus olhos diziam uma coisa, mas o resto da sua expressão, e até mesmo suas palavras, diziam outra. Às vezes minha mãe me deixava confuso. Eu não sabia se deveria tentar ajudar ou fugir dela.

Meu papai não me confundia assim. Meu papai sorria com todo o rosto, e quando ele estava triste, eu também podia perceber.

Meu papai parecia triste com frequência, mas ele me amava e eu o amava também. Ele era meu herói e um dia eu seria um policial exatamente como ele. Aí ele não ficaria mais triste, porque eu o deixaria orgulhoso e feliz.

Os ombros da minha mãe subiram e desceram enquanto ela respirava fundo.

— Seu pai foi embora — disse.

Pisquei para ela, meu coração dando uma batida forte no peito.

— Embora para onde? — sussurrei. Foi viajar? Foi para a cidade do outro lado do lago, fazer coisas de policial?

— Quem sabe para onde?! — ela respondeu em voz alta de repente, seus olhos faiscando com a mesma raiva que eu via na sua boca. — Ele fugiu como um ladrão junto com sua tia Alyssa e seu primo Archer. Ele quer que eles sejam a família dele agora. Não quer mais a gente.

Dei um passo para trás. Eu queria me afastar da minha mãe e das palavras que ela estava me dizendo.

— Não — sussurrei. — O papai não me deixaria para trás. — *Com você. Ele me ama.* — Ele não faria isso.

— Ah, ele faria e ele fez — ela rebateu, suas lágrimas parando enquanto batucava os dedos na mesa, suas unhas compridas fazendo um som de clique seco. *Toc, toc, toc.* Eu queria cobrir meus ouvidos e fazer aquele som *parar*. Eu queria que a mamãe parasse. O choro. Os gritos. O estalar das unhas. Parecia que alguém estava pressionando meu peito.

Me senti assustado e triste.

Ele não ia me deixar.

Ele me ama.

Mas não chorei. Eu era forte, como meu papai, e não ia chorar.

A mamãe olhou para o telefone na mesa ao lado dela, seus dedos fazendo *toc, toc*, clicando mais forte e rápido.

— Porém, talvez tenha algo que eu possa *fazer* — ela murmurou, seus lábios se curvando para cima, mas seus olhos ainda estreitos.

Ela pegou o telefone e começou a apertar os botões, ligando para alguém.

— Por que, mamãe? — sussurrei, minha voz trêmula, implorando por uma resposta diferente da que ela tinha me dado. Precisando

desesperadamente de algo que fizesse *sentido*. — Por que ele foi embora?

A mamãe parou de discar, levantando a cabeça para me encarar. Ela me observou por vários momentos antes de dizer:

— Porque eu sou a segunda opção, a segunda melhor, Travis. Nós dois somos. Sempre fomos.

Parecia que algo estava murchando e caindo dentro de mim, como as maçãs enrugadas que caíam no chão do nosso quintal. *Tum*. Eram aquelas que ninguém queria.

Segunda opção. Segundo melhor. Você não passa do segundo melhor.

E o segundo melhor nem sequer merecia um adeus.



TRAVIS

O lago reluzia além das árvores enquanto eu empurrava o portão na casa do meu irmão, o rangido das dobradiças enferrujadas quebrando o silêncio da calma noite de verão. O ruído logo foi estrondosamente acompanhado pela porta da frente batendo ao ser escancarada e por meus sobrinhos — e vários vira-latas — saindo correndo da casa, subindo o terreno inclinado para me cumprimentar.

— Tio Travis! Tio Travis! — os meninos gritaram em uníssono, suas perninhas curtas os levando rapidamente morro acima, os cães latindo e dançando ao redor, abanando os rabos de uma forma que deixaria qualquer ladrão armado com faca ou assassino em série que entrasse na propriedade saber que era mais do que bem-vindo à família.

Eu ri quando Connor e Charlie chegaram até mim, me abaixando e pegando-os no colo, um em cada braço.

— Eu tenho dois estômagos! — declarou Connor. — O papai que falou.

— É uma característica dos Hale — expliquei. — É assim que crescemos e ficamos grandes e...

— Então devo ter *três* estômagos! — Charlie afirmou, sem deixar seu irmão gêmeo roubar a cena.

Olhei curiosamente para a barriga dele, usando meus dedos para fazer cócegas na sua cintura. Charlie gargalhou aos gritinhos. Os cães se entrelaçaram entre as minhas pernas e dei um passo para o lado para evitar o marrom que parecia estar sempre sorrindo. Eu não confiava nele. Qualquer coisa que sorrisse sem parar só podia ser insana.

— Você já viu um elefante, tio Trav? — perguntou Charlie.

— Não pessoalmente...

— E um urso? — indagou Connor.

— Já vi ursos demais para...

— Elefantes pesam mais que carros!

— Os ursos dormem durante todo o inverno! Se chama *aberração*.

— *Aberração?* Tem a ver com razão? — perguntei.

Connor se aproximou, colocando a mão sobre a boca enquanto “sussurrava” alto:

— Deve ser por causa da bunda peluda dele!

Então os dois meninos riram aos gritos, seus corpinhos tremendo de tanto gargalhar. Eu também ri, porque se você fosse um cara, a expressão “bunda peluda” era engraçada, não importa se você tinha cinco anos ou trinta. Ou cento e cinquenta, eu era capaz de presumir.

— Meninos — chamou Bree, saindo de casa, com a pequena Averie de seis meses nos braços. — Deixem seu tio recuperar o fôlego. — Ela sorriu. — Oi, Travis.

— Bree. — Eu coloquei os meninos no chão, vendo apenas de relance o sutil aceno de Charlie para Connor antes que Charlie tropeçasse. Estendi a mão, segurando-o antes que ele caísse no chão de madeira do alpendre.

— Ah-ha! — Connor gritou, triunfante, ao meu lado, segurando os chicletes que ele tinha pegado do meu bolso enquanto eu resgatava

seu irmão da falsa queda.

— Meu Deus, vocês dois são ninjas — eu disse, orgulhoso da sua furtividade, fazendo um “toca aqui” com os dois.

Eles riram, e Bree os olhou de um jeito desaprovador, colocando a única mão livre no quadril.

— Nada de roubar o bolso dos outros, vocês dois. — Ela voltou seu olhar para mim. — Pensei que você estivesse do lado da lei.

— Quem disse?

— Os cidadãos de Pelion, pelo visto.

— Ah, é verdade. Agora me lembro. A mãe de vocês está certa. Se continuarem roubando bolsos, podem acabar na cadeia.

Connor pareceu levemente intrigado, uma expressão que se transformou em inocência quando ele se virou para sua mãe.

— A gente pode pegar um chiclete? — ele perguntou, muito sério, segurando a prova do seu crime.

O canto da boca de Bree se mexeu.

— *Por favor* — ela corrigiu. — Um para cada um — disse em seguida, e os meninos se iluminaram com sorrisos iguais, Connor rapidamente distribuindo os chicletes e então, com um aceno da cabeça da mãe, correram para dentro, gritando “Valeu, tio Travis”, de costas, conversando animadamente sobre o que parecia ser um castelo de Lego. Aqueles dois sem dúvida compensavam o silêncio do meu meio-irmão.

A bebê me olhou desconfiada, apoiando a cabeça no ombro de Bree, sua mão gordinha segurando a blusa da mãe como se ela visse em meus olhos que eu pretendia sequestrá-la a qualquer momento. Me senti levemente ofendido. Tinha sido eu quem liderara o resgate quando a criança tomou a pobre decisão de nascer durante uma das piores tempestades de neve dos últimos anos, apenas seis meses atrás, fazendo com que seus pais tivessem que

fazer o parto sozinhos. Parecia que ela já tinha esquecido.

— Procurando o Archer? — Bree perguntou.

— É. Eu trouxe as informações do departamento de polícia que ele pediu — expliquei, pegando os papéis impressos que estavam dobrados no meu bolso de trás. Archer havia pedido que eu compilasse estatísticas criminais para a reunião anual da cidade, que aconteceria em julho.

Bree assentiu.

— Deita — ela ordenou aos cachorros que ainda estavam circulando minhas pernas.

— Isso não é uma boa ideia, Bree. Você é casada com meu irmão e eu estou comprometido com alguém. Você realmente precisa superar isso de uma vez por todas.

Ela revirou os olhos.

— Engraçadinho.

Ela concentrou sua atenção nos cachorros — seu olhar sério de *mãe* —, e eu sorri enquanto eles deitavam no alpendre, o cachorro preto maior e o pequeno branco de pelos encaracolados se jogando de lado, o marrom ainda sorrindo para mim como um palhaço peludo e louco. Eu o encarei, deixando claro que ele deveria guardar sua palhaçada peluda e louca para alguém que não pudesse se defender. Seu sorriso se alargou, se esticou. *Jesus*. Eu o mantive a uma distância segura enquanto Bree entrava na casa e me fazia um sinal para segui-la.

— Archer mandou uma mensagem há alguns minutos. Ele está um pouco atrasado, mas logo estará em casa.

A casa era pequena, mas aconchegante. Cheirava a baunilha e algo saboroso cozinhando. Os meninos discutiam de forma amigável, suas vozes animadas subindo e descendo enquanto brincavam em seu quarto nos fundos da casa. As janelas estavam abertas e as

cortinas tremulavam na brisa que vinha do lago. O assoalho de madeira rangia sob os pés descalços de Bree enquanto ela caminhava até a cozinha, com a bebê gordinha no quadril. *Seria tão ruim assim? Um lar como este? Uma vida como esta?*

— Fique para o jantar — disse Bree. Havia apenas um leve indício de hesitação em sua voz, como se ela não estivesse cem por cento certa do que estava dizendo. *Acho que isso vai levar um tempo... talvez a vida inteira.*

Coloquei os papéis na bancada e me apoiei enquanto a observava equilibrar Averie, verificar algo no forno e mexer no que parecia ser macarronada no fogão.

— Não posso. Eu consegui folga hoje à noite para surpreender a Phoebe e levá-la para jantar.

Bree soltou uma risadinha, mas que morreu rapidamente.

— Desculpa. Só queria que sua namorada não tivesse o mesmo nome que a minha cachorra. É... perturbador.

— Então mude o nome dela.

Ela se virou rapidamente para mim, parecendo mais do que um pouco indignada.

— Você não pode simplesmente... — Ela balançou a cabeça como se o que ela fosse dizer não valesse o seu tempo. — De qualquer forma, tenho certeza de que ela vai ficar encantada que você esteja de folga. — Bree me olhou de soslaio. — Como vão as coisas com ela? Vocês estão juntos há quanto tempo? Cerca de um ano, né?

Confirmei, um calor preenchendo meu peito enquanto o sorriso de Phoebe enchia minha mente, a forma como ela ainda suspirava e parecia quase encantada quando eu piscava para ela.

— Dez meses. Ela é boa. Ela é ótima. — *Ela me venera.*

Bree tinha voltado a mexer na panela, mas então parou,

colocando a colher no balcão. Em seguida, ajeitou Averie para segurá-la com os dois braços e se apoiou no balcão, descansando o queixo na cabeça da bebê e me observando, pensativa.

— Travis Hale. Nunca pensei que veria esse dia. Você está realmente num relacionamento *sério* com alguém, não está?

— Com ciúmes? — Sorri, mas ela permaneceu séria. Meu sorriso desapareceu.

— Não. Feliz. É bom ver você encontrando felicidade.

Houve um silêncio carregado que me deixou inquieto. Eu não sabia o que dizer. Honestamente, Bree tinha todo o direito de desejar minha *infelicidade* pelo resto da minha vida, mesmo que Archer e eu tivéssemos feito as pazes, e eu me esforçasse ao máximo para ser um bom tio para meus sobrinhos — o que não era difícil, porque, francamente, eu gostava muito deles — e, um dia, se eu conseguisse, queria conquistar minha sobrinha também, que ainda me observava cautelosamente. A forma como eu tinha agido quando Bree chegou a Pelion... as coisas que fiz ao meu irmão durante toda a nossa vida... sempre estariam entre nós. Anos se passaram, assim como datas comemorativas, e eu gostava de pensar que tinha amadurecido, mas, mesmo assim, não havia nada que eu pudesse fazer para mudar a maneira como os havia machucado no passado. As consequências que minhas ações *poderiam* ter causado.

— Então ela é a tal, né? — Bree perguntou, e percebi o mais leve indício de... desconforto? Preocupação? Não tinha certeza, e o que quer que tenha passado por sua expressão estava lá e desapareceu num piscar de olhos. Ela inclinou a cabeça e inspirou nos cabelos castanhos e finos de Averie, suspirando suavemente.

Bree já havia encontrado Phoebe em várias ocasiões. Nunca tinha dito nada desagradável sobre ela, mas também tive a sensação de que elas talvez nunca fossem se tornar melhores amigas. O que estava tudo bem para mim. Bree gostava de fazer bolos e tortas, ler

e se aventurar nas rochas com seus filhos e cães. Todos eram passatempos dignos quando se é mãe. Só que Phoebe não era mãe. Ainda. Ela gostava de... bem, além de mim, ela gostava de... do *que* Phoebe gostava?

Eu sabia que ela gostava de fazer compras. E de se bronzear. Ela era muito boa nas duas coisas.

— Bem, quando você sabe, você sabe — disse Bree, sorrindo suavemente, encontrando meu olhar e mantendo-o por alguns instantes.

Quando você sabe, você sabe.

Eu me afastei do balcão no exato momento em que ouvi o som suave da porta da frente se abrindo. A porta foi fechada sem fazer barulho e então Archer entrou na cozinha, parecendo não se surpreender em me ver. Obviamente, ele havia notado minha caminhonete estacionada do lado de fora. *E aí?*, ele cumprimentou com um sinal.

Oi, respondi com outro sinal enquanto Archer se dirigia diretamente a Bree e sua filha, seu rosto se iluminando com uma alegria tão genuína que quase desviei o olhar, como se tivesse entrado em um momento íntimo e não tivesse nada a ver com aquilo.

A bebê chutou com as perninhas gordinhas e sorriu, revelando dois dentinhos brancos brilhantes na gengiva de baixo. Averie estendeu os braços para o pai e Archer a pegou do colo de Bree, beijando sua esposa nos lábios, demorando um pouco.

— Enfim — falei, alto, dando uma batidinha nos papéis que estavam na bancada. — Aqui estão os dados que você queria. Eu também enviei por e-mail, mas como estava por perto, pensei em trazer impresso. Diga tchau aos meninos por mim. Eu os pego no domingo. — Tínhamos uma tradição de tomar sorvete depois do jantar, que consistia em eu lhes dar açúcar demais e depois os mandar de volta para casa para que seus pais lidassem com as

consequências.

Archer olhou para Bree, suas mãos ocupadas demais para “falar”, e como se lesse sua mente, ela disse:

— Travis não pode jantar com a gente hoje. Ele tem planos com a Phoebe.

Ah, Archer respondeu sem som, sorrindo para mim e assentindo.

— Bom te ver — falei. — Bree. — Sorri para Averie, cujos olhos se estreitaram ligeiramente. Ela se inclinou em direção a Archer, seu punho minúsculo segurando a camisa dele da mesma forma que segurava a da mãe. — Então, tá bom. Vejo vocês mais tarde. — E com isso, me virei e saí daquela casinha à beira do lago que exalava lar, amor e família.



A brisa tinha aroma de pêssegos. Respirei fundo o ar que entrava pela janela aberta da minha caminhonete parada, ainda ligada, na estrada de terra que terminava na beira da minha propriedade. A paz percorria meu ser. Esperança no futuro. O sol estava apenas começando a se pôr atrás de um celeiro antigo, a luz dourada e esmaecida. Infelizmente, eu teria que derrubar a estrutura. Estava bem no lugar onde eu pretendia construir minha casa. Talvez pudesse usar a madeira de alguma forma, porém. Vigas... ou piso, algo para prestar homenagem ao que já tinha sido, mas não era mais.

Meu pai havia comprado essas terras nos arredores de Pelion, tecnicamente na cidade de Calliope, a área mais turística, na outra margem do lago. A propriedade não era enorme, mas era um terreno privilegiado de frente para o lago. Já tinha sido um pomar, e várias árvores frutíferas ainda permaneciam: de maçãs, cerejas, pêssegos e ameixas.

A água se movia serenamente em pequenas ondulações

enquanto meu olhar se dirigia ao lugar onde eu estivera há pouco — a casa do meu irmão, longe demais para ser vista dessa distância. Archer era dono e administrador da cidade de Pelion, mas isso era meu. Além da cidade, que acabou ficando — por direito — com Archer anos antes, minha mãe havia herdado esse pedaço de terra do meu pai. Por não fazer parte de Pelion, ela havia podido mantê-la. Eu tinha dado para minha mãe cada centavo das minhas economias e comprado o terreno dela. Havia recebido algo importante para mim — algo que era *somente* meu — e lhe dado uma quantia em dinheiro de que ela desesperadamente precisava, já que tudo o mais — novamente, por direito — havia sido tirado dela. Archer podia ter recebido a maior parte da herança dos Hale, e sempre havia sido óbvio que ele tinha a maior parte do coração do nosso pai também, porque a mãe dele havia sido o grande amor da vida do nosso pai, enquanto minha mãe era uma manipuladora artilosa que o enganara para engravidar, mas esse pedaço de terra pertencia a mim e a mais ninguém. Aqui, eu não era o segundo melhor para *ninguém*.

Ainda não tinha condições financeiras para construir ali, mas estava quase lá. Um dia... um dia eu iria criar uma família nessa terra. Um dia eu viveria a vida que nosso pai tinha desejado para si. Ele amava Pelion, e havia sido chefe de polícia, assim como eu, mas queria se afastar dos irmãos, e, na verdade, mesmo que eu só tivesse um, também queria. Havia um limite de *santidade*, um limite de momentos do tipo “olha como somos uma família perfeita” com que eu conseguia lidar.

Fiquei ali, na tranquila paz da noite por um momento, ouvindo a água bater na margem e inalando a fragrância das frutas doces de verão.

Eu conseguia imaginar Phoebe nessa terra? Grávida? Caminhando em direção a um deque com vista para a água? Uma casa com um alpendre brilhando sob a luz do sol que surgia entre as

árvores atrás dela?

Franzi os olhos, me concentrando tanto que cheguei a fazer uma careta, tentando visualizar, mas sem sucesso. A imagem vaga de uma mulher ondulava, desvanecia e desaparecia. Massageei as têmporas. Será que Phoebe realmente queria ter filhos? Não tínhamos falado sobre esse assunto. Talvez eu precisasse começar a perguntar. É claro, se eu *começasse* a falar sobre isso, já seria um avanço por si só. De repente, senti meu peito apertado e puxei distraído o cinto de segurança, como se de alguma forma inexplicável ele tivesse ficado apertado.

Quando você sabe, você sabe.

A afirmação de Bree voltou à minha mente. Mas o que eu *sempre* soubera, afinal? A verdade era que ainda não tinha certeza se podia confiar no que eu *sabia*. As coisas sobre as quais eu achava que tinha certeza haviam sido mentiras, muitas delas que eu mesmo contara para mim. No final das contas, não sabia de nada. Então talvez outras pessoas soubessem, mas e eu? De certa forma, ainda estava improvisando quando se tratava de ser alguém que os outros pudessem se orgulhar de conhecer.

O sol mergulhou ainda mais, o céu tingido de laranja, o mato alto movendo-se languidamente na brisa. Sorri, a paz desse lugar, o *orgulho* de que ele era meu, elevando-se dentro de mim e ajudando a dissipar a direção negativa dos meus pensamentos. Fechei a janela, ligando o ar-condicionado enquanto dava meia-volta com a caminhonete e seguia em direção à casa de Phoebe.



TRAVIS

Phoebe vivia em um bairro de luxo do outro lado de Calliope, composto principalmente por condomínios modernos. Os cidadãos de Pelion haviam resistido quase unanimemente a esse tipo de construção nova, optando, em vez disso, por charmosas pousadas e casas de veraneio pitorescas que contornavam a costa. O que eles perdiam em turismo de pessoas mais jovens e comunidades ricas, compensavam com as muitas famílias e pessoas mais velhas que retornavam ano após ano, algumas delas se tornando quase tão parte da comunidade quanto aquelas que viviam em Pelion o ano todo.

Parei em um pequeno mercado e entrei correndo para comprar um buquê de flores, assobiando enquanto voltava para minha caminhonete.

A noite estava se estabelecendo quando me aproximei do condomínio de Phoebe, com flores na mão. Recuei um pouco ao notar que sua porta estava entreaberta, meus instintos policiais fazendo os pelos da nuca se arrepiarem. Ela havia planejado ir a um torneio de golfe em um campo próximo com suas amigas, mas deveria ter chegado em casa horas antes. Empurrei a porta com o dedo, abrindo-a apenas um pouco, inclinando-me para o lado e

olhando para dentro. A bolsa de Phoebe estava caída no chão do hall de entrada, com os objetos espalhados pelo piso. *Merda.*

Que porra estava acontecendo? Sem fazer barulho, coloquei as flores no chão e fui até minha caminhonete o mais rápido possível, com o mínimo de barulho, e peguei a arma no console central. Voltei para a porta aberta de Phoebe e entrei sorrateiramente.

Um choramingo suave vinha de cima e meu coração começou a bater forte, movendo-me depressa até a base das escadas, com as costas na parede, enquanto subia até o segundo andar. Havia um espelho no patamar entre os dois lances de escada e captei um vislumbre de mim mesmo na minha visão periférica, mandíbula tensa, ombros rígidos. Outro grito de dor e o som de algo caindo no chão.

Caralho, caralho, caralho.

Estou quase lá, Phoebe.

Eu já havia matado por alguém que era importante para mim antes. Faria de novo se fosse necessário.

A porta do quarto também estava entreaberta e fiquei ao lado do batente, tentando espiar lá dentro, meu peito subindo e descendo. Um abajur estava aceso e, nas sombras da parede, eu podia ver o que parecia ser um homem segurando Phoebe. Abusando dela enquanto ela lutava. Adrenalina disparou pelas minhas veias e, em um movimento rápido, abri a porta, ergui a arma e fui direto para cima do agressor.

— Caralho, caralho, caralho! Estou quase lá, Phoebe! — Uma voz masculina. Não a minha, embora as palavras fossem de alguma forma familiares.

— Meu Deus! Você é o *melhor!* O *melhor!* — Phoebe gritou de volta.

Naquela fração de segundo, meu medo e a realidade se chocaram, uma forte colisão interna. Recuei a tempo de evitar meter

uma bala na nuca do cara que — pisquei e engoli em seco — estava comendo minha namorada na cama dela. O quarto pareceu girar. A arma, não.

Os olhos de Phoebe se arregalaram, e meu olhar encontrou o seu. Sua expressão mudou de êxtase para horror e ela gritou, o cara em cima dela se mexendo e lutando para sair, se enrolando nos lençóis e caindo nu da cama. Enquanto ele tentava desesperadamente se desvencilhar das roupas de cama emaranhadas, sua expressão cheia de terror chocado, seu pênis — agora — flácido balançava frouxamente de uma coxa para a outra. Para seu crédito, ele tinha usado preservativo.

Teria sido hilário se eu fosse outra pessoa, assistindo à cena toda se desenrolar em uma tela de cinema.

Baixei lentamente a arma enquanto ele conseguia se libertar, levantando-se com um salto, tropeçando nos objetos da mesa de cabeceira que deviam ter sido derrubados durante a transa frenética, mas se equilibrando antes de titubear de novo.

Gelo foi preenchendo minhas veias pouco a pouco, amortecendo qualquer emoção. O cara, que parecia mal ter atingido a maioridade, ficou paralisado, cobrindo suas partes íntimas com as mãos.

— Para que se preocupar? — perguntei. Nós dois já tínhamos visto o suficiente.

O olhar do cara se desviou para Phoebe, que agora estava sentada na cama, o lençol puxado até o pescoço de forma recatada, olhos arregalados, boca entreaberta, depois para a outra mesa de cabeceira, onde inúmeras fotos minhas e dela repousavam, de volta para o meu rosto e finalmente se detendo na arma.

— Ah... — ele balbuciou. — Acho melhor você ir, Easton — murmurou Phoebe, baixando os cílios, sua pele bronzeada e lisa contrastando com os lençóis rosa-pálido.

Easton. Minha humilhação tinha um nome.

Easton não hesitou. Ele se enfiou nas roupas, vestindo a calça, calçando um sapato, antes de mais uma vez olhar para mim, para a arma, e então fazer um movimento meio mancando-correndo em direção à porta, deixando cair a camisa, pegando-a no ar e praticamente se jogando para fora do quarto como se esperasse que uma bala atingisse a parte de trás da sua cabeça a qualquer momento.

Ele desceu as escadas com um estrondo e, segundos depois, a porta da frente bateu com tudo.

Eu já estivera em situações de silêncio antes. Porra, já tinha passado várias horas na companhia do meu irmão, que não podia falar uma palavra sequer, ajudando em uma tarefa ou outra. Mas nunca, em todos os meus dias, havia experimentado um silêncio como aquele.

— Fale alguma coisa — ela enfim murmurou.

— Acho que não sou eu que preciso dizer alguma coisa agora.

Seus ombros se curvaram.

— Desculpa, Trav.

— Por quê? — perguntei, a voz indiferente, a arma que quase tinha usado para matar o amante da minha namorada agora pendendo frouxamente ao meu lado.

Phoebe se ajoelhou, o lençol caindo enquanto ela se aproximava de mim.

— Por favor, me perdoe — suplicou.

Desviei o olhar. Não queria ver sua nudez. Parecia obsceno depois do que eu acabara de testemunhar.

Ela se sentou, puxando o lençol sobre os seios de novo, como se tivesse lido meus pensamentos.

— É que... eu te amo. De verdade. — Seus ombros caíram. — Eu só... fomos ao bar para tomar algumas bebidas depois do torneio, e

eu o conheci lá e ele estava *muito* a fim de mim. A forma como ele me olhava... me fez questionar se você realmente me ama de verdade. — Ela parecia arrasada, e apesar de tudo, uma pontada de simpatia retorceu meu estômago. Eu a reprimi violentamente.

Meu olhar se fixou em um folheto no chão do bar em que eles deviam ter estado. Era um anúncio de bebidas por um dólar.

— Você o conheceu em um bar *algumas horas atrás*? — De alguma forma, isso tornava as coisas piores. Por que isso tornava as coisas piores? Será que tinha como *ficar* pior? Minha namorada tinha ido para casa com um estranho depois de algumas horas de bebedeira barata durante o dia.

Me lembrei do que a tinha ouvido gritar enquanto o cara bombeava dentro dela — a mulher com quem eu tinha considerado ter *filhos* menos de trinta minutos antes, pelo amor de Deus: *Você é o melhor! O melhor!* E nem ferrando eu *voluntariamente* seria o segundo na lista de qualquer pessoa outra vez, ainda mais algum jovem Romeu que devia só estar de passagem pela cidade, gastando alguns trocados — *literalmente* — e despejando algumas palavras doces e bêbadas para uma garota que ele tinha conhecido em um bar.

— Eu não sabia que você era tão vulgar — eu disse. Sua expressão desmoronou e ela colocou as mãos sobre o rosto. Me virei, deixando seu quarto com cheiro de sexo, descendo as escadas e saindo pela porta da frente. O buquê de flores ainda estava no chão e eu ergui a perna e pisei forte nelas, moendo-as na terra.

Parecia que Bree não precisaria mudar o nome da sua cachorra, afinal.



TRAVIS

Meu maxilar doía de mantê-lo permanentemente cerrado nos últimos três dias. Toda vez que eu relaxava, a visão do moleque pelado transando com a minha namorada enchia minha mente e eu quase mordia minha língua.

Um carro passou na direção oposta, quase me atingindo quando invadiu minha faixa.

— Caralho! — gritei, mal conseguindo evitar, meus pneus derrapando na brita do acostamento. Fiz uma rápida conversão em U, acionando as luzes e a sirene, e acelerei para alcançar a turista bêbada que ia dirigindo o Honda Accord surrado com uma placa de fora do estado.

O carro cor de caramelo parou devagar na beira da estrada que levava do centro de Pelion ao desvio para Calliope. O calor do dia havia diminuído bastante, e conforme me aproximava do veículo, uma brisa suave levantou meus cabelos e os fez baixar de leve. Era uma sensação estranha... quase reconfortante. Relaxei o maxilar, um clarão forte refletido no veículo dela fazendo eu baixar os olhos para os adesivos no para-choque. Um deles mostrava um grupo de animais de fazenda em desenho animado e declarava absurdamente: *Amigos não são comida*. O outro proclamava: *Você*

nunca é velho demais para brincar na terra, o que quer que isso significasse. Os vidros traseiros estavam completamente embaçados e a janela do motorista já estava aberta. Ou a ocupante não tinha ar-condicionado ou estava esperando que a brisa em seu rosto a ajudasse a ficar sóbria. Era um daqueles sinais de embriaguez que eu tinha visto muitas vezes, mas sempre mantinha a mente aberta.

Uma cabeça apareceu pela janela, os braços se dobrando sobre a lateral do veículo enquanto ela me observava se aproximar, um sorriso hesitante no rosto, um olho semicerrado contra o sol.

— Você quase me jogou para fora da estrada ali atrás — falei, recostando-me e virando a cabeça para a traseira do carro dela, quando o escapamento fez um barulho alto. O veículo parecia estar prestes a desmoronar.

— Me desculpe, policial. Eu só desviei o olhar da estrada por um instantinho. Estou me sentindo péssima.

— Carteira de habilitação e documentos do veículo, por favor.

Um lampejo de irritação iluminou seus olhos castanhos, mas seus lábios se curvaram docemente e ela descruzou os braços, virando-se e revirando o porta-luvas e depois alcançando sua bolsa no assento do passageiro, ao lado de uma planta virada. Havia terra espalhada sobre o tecido desbotado. Outras duas plantas estavam caídas no chão, claramente derrubadas do assento, e mais três estavam precariamente posicionadas na borda do painel.

Eu peguei os documentos oferecidos. *Califórnia*. É claro. Era de lá que vinham todos os malucos.

— Haven Torres, de Los Angeles — eu li.

— Sou eu. — Ela sorriu radiante e depois se inclinou para ajeitar a planta tombada ao seu lado. Notei um cacto murchando entre suas coxas bronzeadas.

Meus olhos se fixaram naquele cacto. Eu não tinha percebido que um cacto poderia *murchar*.

— O que há de errado com o seu... cacto?

Ela franziu a testa.

— Ah, ele só está com sede. *Muita* sede.

Havia várias piadas de insinuação inadequadas que eu poderia fazer, e doeu não aproveitar a oportunidade, mas isso era assunto oficial da polícia.

Me curvei para a frente, abaixando meus óculos de sol e olhando para o banco de trás do carro dela. Franzi a testa, meu olhar percorrendo uma verdadeira selva.

— O que é isso?

— São plantas — respondeu ela.

— Sim, eu estou vendo que são plantas.

— Mais especificamente, duas palmeiras-rabo-de-peixe, um par de dragoeiros, um filodendro, um cróton e aquele ali é uma mafurreira — ela concluiu, baixando o dedo que apontava para o banco de trás e sorrindo com orgulho para mim.

Estreitei os olhos. Eu não fazia ideia do que ela acabara de dizer, mas não parecia importante. Meu Deus, havia plantas por toda parte.

— De qualquer forma, elas estão obstruindo sua visão. Não é de admirar que quase tenha me acertado.

— Ah... — Seu olhar se desviou por um instante. Uma mecha castanha soltou-se do coque que ela havia feito no alto da cabeça, batendo contra sua bochecha. — Bem. Eu teria transportado as plantas em duas viagens de carro, mas... o viveiro iria jogá-las fora esta noite se eu não pudesse levar todas. — Notei um tom de indignação em sua voz, como se jogar plantas fora fosse equivalente a matar filhotes de cachorro.

Viveiro. Só havia um em Pelion, então tinha que ser a loja de jardinagem Beco das Samambaias, que ficava a cerca de oito quilômetros de onde estávamos parados no acostamento da estrada.

Quem sabe quantos pedestres ela quase havia atropelado entre aqui e lá?

Ela me olhava com expectativa, um certo brilho nos olhos que poderia ser nervosismo, mas eu suspeitava que fosse indignação.

Levei mais um minuto, observando-a e batendo de leve seus documentos no meu pulso.

— Eu poderia te deixar ir com uma notificação e correr o risco de você dirigir como uma maníaca novamente. Ou, eu poderia te dar uma multa e proteger os moradores de Pelion, que contam comigo para manter suas ruas seguras. Qual você acha que vou escolher, Haven, da Califórnia?

Aquele brilho aumentou, os olhos se estreitando um pouco de uma maneira que me lembrou de como minha sobrinha me observava.

— Oooh, um jogo de adivinhação! — Ela bateu o dedo nos lábios cerrados, como se estivesse em profunda consideração. — Eu nem sempre sou boa sob pressão, então isso é difícil. Humm. Qual você vai escolher? Qual você vai escolher? — murmurou, de repente erguendo um dedo enquanto seu olhar se fixava no meu. — Vou arriscar dizer, aquele que apela para sua sede de poder?

Quase ri, mas me contive, disfarçando o som que subia pela minha garganta com uma tosse, o divertimento lutando contra a irritação e um pouco de espanto.

Removi meus óculos de sol lentamente e os pendurei no bolso da camisa para que eu pudesse considerá-la com calma.

— Você já teve problemas com a polícia antes, Haven, da Califórnia? Experiências que a tenham tornado hostil em relação às autoridades?

— Não. Pode puxar minha ficha. Eu nunca recebi nem mesmo uma multa por excesso de velocidade. Se, em sua sábia e profissional opinião, você considerar que mereço uma multa por meu

crime, será a minha primeira. Não tenho impressões pessoais negativas em relação à polícia, além de achar que deve ser difícil ter um emprego em que você constantemente pensa o pior das pessoas. Você mesmo deve ser perfeito, policial... — ela estreitou os olhos para minha identificação — Hale.

— Chefe de polícia.

— Chefe de polícia — ela repetiu.

Vários cachos selvagens escaparam e caíram ao redor do rosto dela, como se protestassem contra toda essa interação. Eu não conseguia decidir se ela era bonita ou não. Definitivamente não era o tipo pelo qual costumava me interessar. Não que isso importasse, de qualquer maneira. Eu evitaria mulheres em um futuro próximo. O que eu sabia era que ela parecia tão selvagem quanto o emaranhado de folhas e cipós lutando por espaço em seu carro. Por vários momentos, apenas nos olhamos e tive a estranha vontade de sorrir para aquela mulher insolente. Eu reconhecia seu sarcasmo e seus comentários sarcásticos. Sabia exatamente como manipular com palavras. Porém, essa garota estava fazendo isso de uma maneira que não era ofensiva, e sim... desafiadora.

E interessante.

Eu mesmo só tinha conseguido ser ofensivo.

Afinal, tinha aprendido com a melhor de todas.

Endireitei a postura. De qualquer forma, por que eu estava tolerando isso?

— Você vai ter que descarregar algumas dessas plantas — instruí.

Seus olhos se arregalaram; sua expressão era aflita.

— Não posso simplesmente deixá-las na beira da estrada! Eu tenho que ir trabalhar. Não vou conseguir voltar e pegá-las até tarde da noite.

— São plantas. Com certeza você pode deixá-las na beira da estrada se isso significa poder enxergar pela janela lateral e pelo retrovisor. De acordo com a lei.

Ela virou um pouco a cabeça, cantarolando algo para o banco de trás.

Parei, me virando de volta.

— Você acabou de dizer alguma coisa? Para as plantas?

Ela suspirou.

— Seres vivos se alimentam de energia. Tenho certeza de que elas sentem minha angústia. Eu quero que elas floresçam e vivam, não respirem minha ansiedade. Ainda mais considerando que elas terão que esperar aqui na beira da estrada, sozinhas, até que eu volte.

— Respirar... — Me inclinei em sua direção. — Você andou cheirando alguma coisa? Devo fazer um teste toxicológico?

— Eu não uso drogas. — Ela lançou outro olhar para o banco de trás e então seus ombros se curvaram. Por um momento, parecia que ia discutir comigo sobre remover as plantas, mas então saiu do veículo devagar, parecendo desanimada.

Senti uma estranha compaixão até me lembrar de que eram plantas *grátis* que — francamente — pareciam estar à beira da morte.

— Vai chover esta noite — eu disse, de forma ilógica.

Ela me olhou enquanto retirava um dos vasos do banco de trás.

— Vou voltar depois para buscá-las — ela disse, me entregando o vaso e virando-se para pegar outro. Levei apenas alguns minutos para transferir o suficiente deles, cinco, para que suas janelas laterais e vidro traseiro não fossem obstruídos.

Devolvi seus documentos.

— Considere isso um aviso. Dirija com segurança, Haven, da

Califórnia.

— Ah, pode deixar, chefe de polícia Hale, de Pelion. Obrigada por sua misericórdia. — O canto dos meus lábios parecia estar conectado a um fio invisível e alguém deu um puxão forte nele. Levei a mão ao rosto, tossindo novamente até que o espasmo parou. E com isso, fiz um aceno com a cabeça e voltei para minha viatura.



HAVEN

Gage Buchanan é o melhor. O melhor, pensei em devaneio, observando enquanto ele levantava um braço perfeitamente musculoso, seu corpo esculpido, firme, enquanto pausava por tempo suficiente para eu gravar a imagem na minha mente, assim ficaria disponível para sempre quando eu estivesse com vontade de *fantasiar*.

— Ele é *perfeito* — alguém declarou, com um suspiro, no momento em que Gage entrou em ação, fazendo um saque que voou em direção ao jogador no lado oposto da quadra de tênis. Um saque *perfeito*, é claro, porque bem, ele era perfeito. Seu oponente se jogou em busca da bola, balançou descontroladamente e errou.

Eu me endireitei no balcão, onde estava apoiando o rosto na mão enquanto olhava para Gage jogando de dupla do outro lado do bar de smoothies do clube onde eu trabalhava.

— Desculpe — pedi, dirigindo-me às duas garotas que eu não tinha percebido terem se sentado ao bar, ouvindo outro saque enquanto o jogo continuava.

— Sem problemas — disse a loira, virando a cabeça, que estava focada na quadra de tênis, para mim.

A outra garota, uma morena, nem se deu ao trabalho de olhar na

minha direção, sua cabeça indo de um lado para o outro, obviamente seguindo a bola de tênis de Gage e do cara bonito de cabelos loiros com quem ele estava jogando.

— Pêssego, manga, semente de linhaça — ela recitou, distraída.

Dei um sorriso encantador para a parte de trás da cabeça dela.

— Claro. Com prazer. E para você? — perguntei, virando a atenção para a loira.

— Uma tigela de açaí. Mas não coloque morango. Eles me dão coceira. — Ela abaixou os óculos de sol Chanel, me observando por cima da armação de casco de tartaruga. — Da última vez, acho que você deixou passar um. Fiquei com *alergia* depois.

Parece um problema pessoal, provavelmente não relacionado aos morangos, foi o que eu não disse.

Ela me olhou com raiva, como se eu tivesse plantado deliberadamente o tal morango no meio da tigela de açaí, num esforço calculado para sabotar sua pele impecável com uma erupção cutânea desagradável. Meu sorriso se apertou enquanto eu lutava para mantê-lo no lugar.

— Peço mil desculpas — eu disse, docemente. — Vou verificar duas, três vezes para ter certeza de que não tenha nenhum morango no seu pedido nem perto dele.

— Ótimo — respondeu ela, virando-se enquanto Gage sacudia seus perfeitos cabelos escuros, o suor voando ao redor dele, enquanto corria em direção à rede para apertar a mão do seu parceiro de jogo. Ele tinha vencido. É claro que tinha.

Ele era o melhor.

Suspirei, me afastando, e comecei a reunir os ingredientes para os dois pedidos. Ouvi as garotas sussurrando animadamente uma para a outra, a entonação em suas vozes me dizendo que estavam fofocando. Não me incomodei em tentar ouvir. Não me importava do

que estavam falando. Esse clube estava cheio de outras cem pessoas iguais a elas. Garotas ricas e mimadas que achavam que aqueles que trabalhavam ali só tinham valor por causa da sua capacidade de atender a todas as suas demandas.

Mas Gage Buchanan era diferente. Ele não era *apenas* lindo. Perfeito. O *melhor*. Ele era *gentil*. Tinha boas maneiras impecáveis, seu sorriso era sincero. Ele olhava nos olhos de todos quando falavam com ele e não menosprezava ninguém. Nem mesmo eu, a forasteira que estava trabalhando no quiosque de smoothies. Eu não sabia muito mais sobre ele — além de que era membro do exclusivo clube de golfe e tênis onde eu estava trabalhando durante o verão —, mas isso já era o suficiente.

Coloquei o suco e a tigela de açaí sem morangos na frente das garotas, adicionei os pedidos às suas contas e comecei a limpar o balcão que acabara de usar. Do nada, a morena disse:

— Este verão vai ser incrível. Especialmente porque Gage está solteiro...

Ok, isso, *sim*, eu queria ouvir agora. Meu coração acelerou. *Solteiro*. Movi o pano de limpeza lentamente ao longo do balcão, apurando os ouvidos para escutar. Gage estava solteiro. Humm. Parei de limpar. Mesmo que ele me notasse, não era como se pudéssemos ter algo duradouro — eu estava apenas de passagem por essa cidade à beira do lago —, mas o que havia de errado em um romance de verão? O que havia de errado em encontrar a felicidade — mesmo que temporária — com um homem lindo, gentil e *solteiro*?

Nada, era o que eu achava.

Estar na estrada nem sempre era propício a romances. Ou talvez tivesse sido meu estado de espírito.

De qualquer forma, eu tinha passado por um longo período de seca.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Travis"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).